

LITTERATURA
MUSICA E BELLAS-ARTES

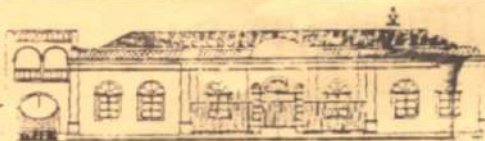
POR

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA

Socio da Academia Real das Sciencias
e de outros institutos litterarios de Hespanha e do Brazil

O ALGARVE E A
SUA POESIA TRADICIONAL

TOMO II



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

N.º 1946

Cota N.º

VENDE-SE

EM CASA DE ROLLAND & SEMIOND

3—RUA NOVA DOS MARTYRES—3

1872

**ALFARRADISTA
SIMÕES**

COMPRA E VENDA DE LIVROS

2ND BOOKS

Telej. 26618

R. Francis. Horta, 15 - 8000 FARO

O ALGARVE E A SUA POESIA TRADICIONAL

O Algarve é talvez a nossa provincia mais enflorada de tradições poeticas. A sua historia com muito custo se desprende das ficções legendarias que são, se pôde dizer, a sua historia mais popular, e, por isso, mais intima, caracteristica e delectavel. Mourisca de origem e quasi africana por clima, por natureza do sólo e vegetação, a lembrança de seus antigos dominadores deixou-lhe na memoria do povo a vaga poesia dos costumes galantes e guerreiros da vida arabe, que as condições locais guardaram como thesouro que haviam ajudado a encher com tanto amor, e que depois, com o afastamento dos seculos, que tudo hyperbolisa, colorindo-o com as tintas esmaltadas da phantasia popular, se transformaram em lendas e mythos. São estas lendas e mythos que ainda hoje andam graciosamente enlaçados com os capitulos mais incontraditaveis da sua historia, como festas de hera que houvessem trepado pelos fustes e ogivas das suas ruinas monumentaes.

Cousa singular! O Algarve é (com magoa o notámos) a parte de Portugal mais estranha aos beneficios da civilisação moderna, e a terra que possui mais intactas as riquezas e mysterios da sua poesia tradicional.

E a que resultado nos levará o exame d'este facto? A um resultado de sobejo trivial para aquelles que estudam estas questões, que vem a ser o seguinte:— Que as maravilhas da industria civilisadora, como fabricas, aqueductos, docas, canaes, pontes, estradas, tuneis, ferro-carris, invadindo e metamorphoseando audaciosamente os terrenos, anniquillam

as memorias locaes e devastam as reliquias tradicionaes da historia, esta veneranda poesia que vive á sombra dos monumentos, como as palmeiras do Egypto á sombra dos tumulos dos Pharaós. O Algarve de hoje é uma vasta recordação monumental do Algarve de ha seis seculos. Os arrojos da civilisação actual, que atravessam montanhas com viaductos, como se as furasse uma broca titanica, que complanam valles com atterros estupendos, como se a força de um terremoto nivellasse as alturas, teem respeitado as primitivas disposições d'aquella terra. Se resuscitasse um dos seus antigos reis mouros, com facilidade reconheceria muitos dos caminhos que os seus trilharam, as mesmas plantas usadas de seus subditos, varios dos castellos por elles habitados, os mesmos aspectos locaes, quasi o mesmo numero e estructura de povoações. Reconheceria a sua querida Tavira ainda com a cinta de muralhas denteadas de ameias com que o receio dos seus a havia apertado, com a sua torrè defendendo a ponte e o castello a cavalleiro da cidade; a vetusta Silves, tão disputada aos christãos pelo esforço dos guerreiros agarenos; a antiga Faro com os seus muros quasi intactos, com a sua porta de volta redonda, reproduzindo o verdadeiro estylo arabe; Estoy com a sua elevada torre quadrangular, dominando ao longe a planicie; Albufeira e Loulé, que, como Granada, foram as derradeiras terras donde os filhos de Africa disseram um adeus saudoso ao appetecido céu de Portugal. E cêrca de Olhão, a celebrada quinta de Marim, recreio dos reis mouros, conservando as inscrições e regalos poeticos d'aquellas eras; e aqui e alli, em toda a extensão do litoral, torres onde os soldados mauritanos acendiam as almenaras. Veria ainda aquellas serranias de Monchique coroadas de bastos medronhaes e enormes sobreiras; e talvez junto de torre solitaria de fortificações derruidas, a alfarrobeira, essa arvore de aspecto triste, e cujas ramadas, pendidas e verdinegras, como que exprimem o sentimento melancholico do povo que a transplantou com as suas proprias mãos, e que se viu constrangido a abandonal-a espavorido pelo ferro christão. Tudo isto elle veria, porque tudo isto lá existe; e onde a mão do tempo houvesse apagado alguns d'estes vestigios, a tradição oral, a voz do povo lhe reconstruiria todas estas dispersas ruinas na sua imaginação saudosa.

E esta reconstrucção tornar-se-ia facil, porque n'estes

mesmos estragos dos seculos a phantasia esvoaça mais livremente, ideando quando apenas a saudade lhe aponta um passado escurecido pelas sombras do mysterio. Para a poeta, para o espirito contemplativo e scismador, o Algarve é ainda o Algarve de mui remotas eras. Quando o nordeste geme pelo viso d'aquellas serranias; quando aquelles alfarbeiraes, escuros e cabisbaixos, susurram sacudidos pelas ondas ardentes do vento de Africa; quando no interior daquellas torres dismanteladas os eccos de tantos seculos respondem aos passos do viajante, como que outras tantas vozes de seus antigos habitantes nos veem ferir os ouvidos e recordar o seu antigo dominio. Em todas estas recordações vivas respira a alma d'aquelle povo. E a poesia, que desponta de todos estes elementos, não é uma poesia artificial ou convencional, como a poesia classica das escolas, que repugna á nossa indole por não encontrar em o nosso viver nenhuma das affinidades de sympathia que determinam estas insinuantes harmonias moraes, é uma poesia symbolisada em monumentos e tradições que a desgraça de um povo consagrou, porque esse povo foi vencido nos campos de batalha e expulso de seus lares. O tempo, correndo e estendendo as suas azas immensas sobre estas desventuras, revestiu-as da solemnidade da historia e dos prestigios da poesia.

Hoje um d'aquelles castellos solitarios carcomidos de plantas parasitas, não é apenas um montão informe de pedraria musgosa, é o carcere, talvez eterno, da gentil donzella mourisca, que um encanto inquebrantavel alli prendeu, para que olhos christãos a não descobrissem nem gozassem. A cisterna mais além, que está debaixo de escura abobada, da mesma sorte esconde um d'estes mysterios, que tambem fallam á imaginação popular. Julgaes talvez que ella seja tão sómente por ahí um reservatorio de aguas pluviaes? Pois enganaes-vos. Sondae-a, que lá mesmo no fundo topareis uma ampla talha atulhada de ouro, que os infieis, na sua fuga precipitada, alli occultaram da avareza de seus vencedores. Mas cuidado que um desejo de vingança poz junto do thesouro outra talha, em tudo igual, onde a perversa sciencia arabe conseguiu encerrar ramo de peste, para a conclusão na escolha ser facil, e, destapada esta, se derramar o mortifero mal entre os christãos. E como estes muitos outros casos de analogia significação se encontram, onde se en-

trê sempre o caracter do povo e a verdade da historia, mas variados pelas côres fabulosas da lenda.

É por isto que penalisa não ter havido ainda quem arrecade e enthesoure estas riquezas de poesia popular, que são.

Se no Minho apreciamos o admiravel acordo das inclinações poeticas de seus habitantes com a exuberante seiva de todos aquelles formosos paineis que a natureza estampou diante de seus olhos, e que em cada penhasco, em cada lapa, em cada arroio, em cada cachoeira, parecem aviventar uma d'essas vozes mysteriosas que nos faltam á alma a linguagem arroubada das sensações, com rasão se lhe pôde contrapor o Algarve pela severidade historica de suas tradições entrajadas das galas gentis d'aquella mythologia excepcional, meio mourisca meio christã.

E esta é a manifestação caracteristica d'aquella poesia, agradavel misto de recordações historicas e ficções legendarias, onde ainda palpitam, idealizados, os sentimentos intimos e esforços de conquista dos antigos portuguezes com o povo mauritano.

E d'esta mistura, em que as tendencias supersticiosas da peninsula se veem sempre transformadas em graciosos mythos pela opulencia da phantasia arabe, tão propensa a volver em imagens poeticas todas as forças vivas da natureza e os proprios impulsos do mundo interior, resultaram graciosas memorações, que pintam bem graciosamente esta combinação de elementos diversos.

Ha uma noite, no viver tradicional e folgasão do nosso povo, que só ella de per si resume e reproduz todas estas impressões; é a noite de San'João, d'este santo que, pelas virtudes, pertence ao nosso calendario, e que, pelas festas galhofeiras com que o recorda a folia popular, tanto é de christãos, como de mouros.

Té os mouros na mourama
Festejam a San'João.

As cavalhadas, as danças pyrrhicas ou mouriscas, os arraiaes, os leilões, as fogaças, as fogueiras, a queima das al-caxofras, os palmitos, as sortes, os esconjuros, toda esta imaginosa e namorada mythologia em que revivem tão poeticamente tantos dos lances da vida de um povo, que no amor e na guerra accendia as mais intensas inspirações, to-

da ella deriva d'esse mesmo povo que, desde as filigranas de marmore dos minaretes da Giralda e dos páteos ostentosos de fino mosaico da Alhambra, até á melancholia vaga de seus vilancetes apixonados e guerreiros, conseguiu subtilisar tudo em que tocou o seu engenho.

Era aqui ensejo adequado para mostrar a superioridade d'esta especie de poesia, flor que desabroxou só aos raios do nosso sol, sobre a denominada poesia classica, planta exotica que só póde medrar nas estufas das escholas. Mas não queremos. A naturalidade e filiação d'aquella ninguem lh'as póde negar. Perguntae aos labregos do Algarve, do Minho, da Beira-Alta, de Traz-os-mostes o que sabem elles de Jupiter e da sua corte olympica. A resposta será um arregalar de olhos e escancarar de boca, capaz de engolir todas essas sensuaes personificações do polytheismo, em quanto que, se lhes fallardes de mouras encantadas, de bruxas, e lobishomens, todos vos darão rasão de si.

A isto pois, se reduz o valor d'esta poesia, e o diploma da sua naturalidade.

Os rhetoricos, se ainda os ha, que aprofundem a escholar, que nós iremos de serra em serra aos casalejos desenterrar e aprender a que é nossa.

Abril—1864.